

A DIMENSÃO ESPIRITUAL NA TESSITURA COMPLEXA DAS SENDAS DA VIDA

THE SPIRITUAL DIMENSION IN THE COMPLEX TESTIMONY OF THE PATHWAYS OF LIFE

LA DIMENSIÓN ESPIRITUAL EN EL COMPLEJO ESTRÉS DE LOS CAMINOS DE LA VIDA

Rita de Cássia Castro Vidal¹
Maria José de Pinho²
José Damião Trindade Rocha³

Resumo

Este artigo discute algumas questões relacionadas à liberdade, bem como o lugar da espiritualidade na contemporaneidade, problematizando a própria formação humana que, pautada numa visão reducionista e mecanicista da vida, fragmenta o conhecimento, a vida e as relações humanas. Objetivou-se refletir sobre liberdade a partir da servidão, perpassando pelas discussões acerca da liquidez nas relações interpessoais e humanas, assim como questões que tangem à ética, à complexidade, à transdisciplinaridade e aos caminhos para o saber viver. Neste sentido, estabeleceu-se o diálogo entre a liberdade e a espiritualidade inspirado pela epistemologia da Complexidade e a Transdisciplinaridade como forma de adotar uma nova postura diante da vida e dos novos modos de enfrentamento dos problemas contemporâneos.

Palavras-chave: complexidade; espiritualidade; liberdade; transdisciplinaridade.

Abstract

This article discusses some issues related to freedom, as well as the place of spirituality in contemporary times, problematizing human formation itself, which, based on a reductionist and mechanistic view of life, fragments knowledge, life and human relationships. The objective was to reflect on freedom from servitude, going through discussions about liquidity in interpersonal and human relationships, as well as issues related to ethics, complexity, transdisciplinarity and the ways to know how to live. In this sense, a dialogue was established between freedom and spirituality inspired by the epistemology of Complexity and Transdisciplinarity as a way of adopting a new attitude towards life and new ways of coping with contemporary problems.

Keywords: complexity; spirituality; freedom; transdisciplinarity.

¹Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora da Rede Municipal de Educação de Porto Nacional. Membro do Grupo de Pesquisa em Rede Internacional Investigando Escolas Criativas (RIEC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5544-7051>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4080151128393834>. E-mail: perola@uft.edu.br

²Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica da São Paulo (PUC/SP). É membro da Rede Internacional de Escolas Criativas: construindo a escola do século XXI (RIEC Coord. UB/Espanha). É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Rede Internacional Investigando Escolas Criativas (RIEC) na UFT. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2411-6580> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7113857811427432>. E-mail: mjpgon@uft.edu.br

³Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica da São Paulo (PUC/SP). É membro da Rede Internacional de Escolas Criativas: construindo a escola do século XXI (RIEC Coord. UB/Espanha). É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Rede Internacional Investigando Escolas Criativas (RIEC) na UFT. Mestrado Profissional em Educação da UFT. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5788-7517>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9799856875780031>. E-mail: damiao@uft.edu.br.

Resumen

Este artículo analiza algunos temas relacionados con la libertad, así como el lugar de la espiritualidad en los tiempos contemporáneos, problematizando la formación humana en sí misma, que, basada en una visión reduccionista y mecanicista de la vida, fragmenta el conocimiento, la vida y las relaciones humanas. El objetivo era reflexionar sobre la libertad de la servidumbre, debatiendo sobre la liquidez en las relaciones interpersonales y humanas, así como sobre cuestiones relacionadas con la ética, la complejidad, la transdisciplinariedad y las formas de saber cómo vivir. En este sentido, se estableció un diálogo entre libertad y espiritualidad inspirado en la epistemología de Complejidad y Transdisciplinariedad como una forma de adoptar una nueva actitud hacia la vida y nuevas formas de hacer frente a los problemas contemporáneos.

Palabras clave: complejidad; espiritualidad; libertad; transdisciplinariedad.

Breves considerações sobre liberdade e espiritualidade

Para discutir liberdade seria interessante partir de um pressuposto contrário: a servidão. Quanto a isso, Etienne de La Boétie, no século XVI, escreveu o “Discurso sobre a servidão voluntária”, tendo em vista a situação de subserviência ao modelo político de sua época: a monarquia. La Boétie (2006) escreveu o texto evidenciando, de forma provocativa, que o poder exercido por uma só pessoa sobre as outras é ilegítimo, o que corrobora para a sujeição da maioria que confiou sua liberdade para o bem comum.

Mas renunciar a liberdade, mesmo que de forma voluntária, significa trocá-la pela servidão. Então, por que delegar a outrem a própria liberdade de escolha? Porque é bom não ter que se preocupar em decidir! A liberdade inclui a responsabilidade pelas escolhas, demanda trabalho por estar intrinsecamente ligada à tomada de decisão consciente. Então, será pela indolência que nos deixamos à revelia da servidão?

Liberdade também inclui autonomia. E será que estamos preparados para tê-la? Tome-se por base o histórico do Brasil: ao se rememorar o contexto histórico e cultural de formação do país enquanto colônia de Portugal e o longo processo de escravidão enquanto modelo econômico predominante, baseado em servidão e violência. Ao longo desse construto, uma das representações sociais que se pode trazer à tona para essa discussão é que sempre se aguarda pela decisão de outros, seja da metrópole portuguesa, de um soberano ou a própria tutela do Estado, a quem se entregam as liberdades individuais por um bem comum.

Mas o que faz pensar que alguém que detenha pleno poder sobre todas as liberdades – estando, portanto, acima de todos – pensará sempre no bem comum?

Acaso, não seria mais fácil tornar-se um tirano? A este respeito, Locke (2006) em sua obra “Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos”, faz uma discussão interessante que pode auxiliar a compreender um pouco mais a respeito da tirania, alertando: “onde termina a lei começa a tirania” (Locke, 2006, p. 207). Deste modo, para o autor a monarquia ou o governo não estão acima da lei.

Locke (2006) acreditava que um governo justo deveria proteger o bem público e preservar a propriedade privada, e cada vez que o poder outorgado pelo povo para que alguém governe fosse utilizado para outros objetivos como “empobrecer, perseguir e subjugar o povo às ordens irregulares e arbitrárias daqueles que o detêm” subordinando tudo “à sua vontade e ambição pessoais” (Locke, 2006, p. 207) imediatamente haveria a instalação de um governo tirano.

Quando o poder se torna arbitrário, o governo é ilegítimo uma vez que oprime o povo. Este, ao se unir em uma comunidade civil, confiou sua liberdade para ser protegida com o intuito de desfrutar de “uma vida confortável, segura e pacífica uns com os outros, assegurados da segurança de suas propriedades” (Locke, 2006, p. 139). Destarte, se há a negligência dos que estão no poder, há elementos para a tirania e, portanto, essa situação abre precedentes para a resistência do povo.

Exemplos de resistência são os movimentos negros, dos povos originais, dos trabalhadores sem-terra, dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros – FGTS. Enfim, os movimentos sociais são formas de resistir à tirania, mas é preciso mais, não somente grupos, mas toda a comunidade civil agindo por uma cidadania planetária (Velasco et al., 2017) entendendo o mundo como nossa Terra-pátria.

Continuando com o que pensou La Boétie sobre liberdade, um fato instigante a seu respeito é quanto a seu amigo Montaigne. Este, ao saber da morte precoce do amigo aos 33 anos, escreveu sobre a amizade, explicando o porquê de amá-lo: “porque era ele, porque era eu”⁴. Isso implica dizer que a amizade permite ser quem somos verdadeiramente, de forma livre a tal ponto que se reconheça o outro da mesma forma,

⁴ Texto de Leandro Karnal, “Porque era ele, porque era eu”, publicado no Estadão online no dia 28 de agosto de 2016. Recuperado de <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,porque-era-ele-porque-era-eu,10000072275> em 16 maio, 2017.

sem subestimação ou dominação. A verdadeira amizade quer, antes de si, que o outro seja grande, sendo uma das mais belas expressões de liberdade.

Nesse âmbito, convém problematizar algumas questões sobre a espiritualidade nos tempos atuais que, inserida numa modernidade líquida⁵, acaba por diluir Deus em vários Deuses pessoais que fazem a vontade de cada um sem cobranças ou repreensões, ao passo em que se configura como um Deus legal, adentrando em uma noção de relativismo do que é certo e errado, do que é bem ou mal: já que tudo pode, porque depende exclusivamente do que eu penso sobre Deus.

Em nossos tempos atuais, arrisca-se dizer que o Deus da Paixão não é mais tão atrativo porque paixão remete a entrega e sofrimento, mas que o Deus da Prosperidade é o mais bem aceito, tendo em vista que se materializa nos bens que a pessoa pode possuir. Assim, não se busca a Deus pelo que Ele é, mas pelo que pode proporcionar ou dar, por um interesse materialista e mercadológico. Então, pode-se questionar: que espiritualidade é essa sem reflexão, sem cobranças, sem exigências, indolente, ociosa e apática?

É um modelo de espiritualidade que não propõe transformar porque não privilegia a liberdade e a autonomia. Assim, pode-se refletir sobre o processo de formação humana e o que colabora para que o ser humano desenvolva comportamentos cada vez mais intolerantes. Deste modo, seria possível repensar a frase: “para se fazer uma omelete, é preciso quebrar alguns ovos”, que pela lógica é verdade, mas ao tomá-la como justificativa para o extermínio de pessoas, transforma-a em uma sentença desumana.

Tome-se como exemplo o momento histórico dos Estados Unidos na derrubada de Saddam Hussein⁶, onde cerca de meio milhão de crianças foram mortas “em função do continuado bloqueio militar imposto pelos Estados Unidos ao Iraque” (Bauman,

⁵Suanno (2015, p. 41-42) explica que “o termo *líquido*, metaforicamente, simboliza a liquefação, a fluidez da dinâmica das modificações substanciais em andamento na passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida. Os líquidos não têm forma, são fluídos, amoldam-se conforme o recipiente no qual esteja contido, e podem vazar, transbordar, escorrer, ser absorvido, diferentemente dos sólidos que têm forma, são rígidos e precisam sofrer uma tensão de forças para modificar sua forma. A liquidez modificou, alterou e fragilizou os referenciais que guiam a vida cotidiana e as relações humanas, sociais, econômicas, políticas, trabalhistas, antropológicas, por ser fugaz, efêmero e valorizar o imediato”.

⁶Com base em matéria escrita pelo jornalista Paulo Nogueira para o Diário do Centro do Mundo, em 2012, site de notícias do qual é fundador e diretor editorial. Recuperado de <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/quantas-criancas-iranianas-terao-que-morrer-ate-que-o-mundo-de-um-basta/>.

2004, p. 74). Nesta ocasião, Madeleine Albright, então Secretária de Estado e embaixadora norte-americana na Organização das Nações Unidas (ONU), não negou o infanticídio ocorrido, mas admitiu que embora fosse uma escolha difícil, esta era justificável por ser um preço que valia ser pago.

Isso posto, acaba-se naturalizando decisões estratégicas e políticas baseadas em interesses mesquinhos e individuais que se encaixam numa visão darwiniana de que os mais fortes são aqueles que sobrevivem, enquanto os fracos devem ser eliminados dada a sua inutilidade, justificando a maldade e colaborando para a degeneração do ser humano.

A luta pela sobrevivência nos torna duros demais para refletir sobre o mandamento “amar ao próximo como a si mesmo” que, dentro de uma discussão mais densa – que não cabe aqui –, poderia aprimorar a compreensão sobre qual tipo de amor próprio seria possível para “amar-nos apesar de”, em vez de “amar se for conveniente”.

Tenha-se em vista que o amor por conveniência caracteriza um tipo de escravidão de si mesmo e passa a ser, como diz Nicolescu (1999, p. 98), “substituído pela vigilância atenta da defesa dos territórios”, daquilo que se pensa possuir, relegando o amor e o próprio homem a uma lógica mercantilista que despreza a afetividade.

Amar a si leva-nos a inferir, também, que nosso amor pode depender do que o outro pensa sobre nós. Isso quer dizer que só me amarei se for digno de ser objeto do bem querer de outrem, mas esse tipo de amor traz o perigo de que ocorra a repulsa de si, caso seja rejeitado por outra pessoa. O que amamos em nós quando voltamos os olhos para nosso interior?

Mas vejamos: o amor próprio é uma questão de sobrevivência e existência física. Todavia, o mandamento citado traz uma questão que transcende esse sobreviver, porque “se torna a sobrevivência da humanidade no humano” (Bauman, 2004, p. 71), uma existência diferente dos demais animais porque não está relacionada somente à existência física, desafiando “os instintos estabelecidos pela natureza” (Bauman, 2004, p. 71), e vai um pouco mais além, para o âmbito da moral.

Assim, amar ao próximo como a si mesmo indica que o outro possui reconhecida dignidade, é dotado de singularidade que deve ser respeitada uma vez que as diferenças enriquecem o mundo em que vivemos, não sendo substituível ou

descartável (Bauman, 2004), observando que essas mesmas características estão presentes também em si.

Destarte, pode-se depreender que a moral, neste sentido e de acordo com Bauman (2004, p. 81), não é estabelecida por meio de conveniências, “não é guiada pela expectativa de lucro, conforto, glória ou autoengrandecimento”: ama-se ao próximo pelo fato de sermos nós mesmos tão dignos de amor quanto ele, sem preocupar-se com o que se ganhará com isso.

Ao problematizar a questão da moral, Bauman (2004) convida a uma reflexão mais densa acerca de nós mesmos. Da mesma forma, Morin (2011) em “O método 6: sobre a ética”, propõe um olhar para si e para a humanidade, a fim de compreender a condição humana sob um olhar sem receios para perceber que o humano é frágil como sua consciência é frágil, “o espírito humano sabe rejeitar o que lhe é desagradável e selecionar o que lhe satisfaz” (Morin, 2011, p. 55). Assim, todos estamos propensos a uma ilusão interior favorecida pelos processos psíquicos de mentira para si mesmo (Morin, 2011).

Nesse sentido, o autor salienta que

[...] as dificuldades do autoconhecimento e da autoanálise crítica correspondem à dificuldade da lucidez ética. A maior ilusão ética é crer que se obedece à mais alta exigência ética quando, na verdade, se está agindo pelo mal e pela mentira (Morin, 2011, p. 55).

Théo Klein (2005) como citado em Morin (2011), afirma que a ética é um construir e reconstruir constante, porque assim também somos nós: inacabados. Ou seja, ela opera num movimento de equilíbrio que está sempre prestes a se romper, dado que a todo instante somos instigados ao questionamento e à busca por uma boa resposta para os problemas éticos que nos afligem. A ética, assim como a moral, são construções humanas que estão sujeitas à ilusão, ao engano e às incertezas. E portanto, essa inquietude pela busca de uma boa resposta alimenta nossas ações no mundo.

Morin (2011) sinaliza que por mais que estejamos agindo com boas intenções, até as supremas expressões da moral como o amor e a fraternidade podem ser facilmente enganadas, o que demonstra a partir de exemplos como o terrorismo, em que o sujeito que o pratica está “convicto de realizar um ato moral ao lançar bombas sobre a

população” e que os “terroristas de Al-Qaeda perpetram massacres de civis na certeza de encarnar a luta do Bem contra o Mal” (Morin, 2011, p. 54).

Como se pode perceber, essas ações encerram um dilaceramento da ética movido por um pensamento “incorreto, mutilado, mutilador”, que não assume “as contradições da ação de maneira dialógica” e complexa (Morin, 2011, p. 59). E deste modo, uma moral não complexa, conforme afirma o autor, opera com base em uma lógica binária de bem/mal, justo/injusto, enquanto que a ética complexa “aceita que o bem possa conter um mal, o mal um bem, o justo o injusto e o injusto o justo” (Morin, 2011, p. 58).

Esse conflito permeado por contradições só sobrevive à lucidez pela compreensão de que a moral é tão inacabada e frágil quanto o próprio ser humano, estando em constante movimento e, assim como a ética, submetida à incerteza e ao confronto.

Todavia, o caminho não é eliminar a incerteza, mas aceitar que ela existe e buscar superá-la a longo prazo, considerando que as ações necessitam ser contextualizadas de forma que seja possível visualizar a complexidade ética que comporta as contradições internas. Acerca disso, Morin (2011, p. 57) alerta que “quando não há solução ética para um problema, deve-se sem dúvida evitar o pior”.

E o que seria o pior nos casos citados? A saber, o de Madeleine Albright, que valorizam decisões políticas estratégicas que obedecem à lógica do que é útil e eficaz em detrimento da manutenção da vida; ou os atos terroristas cometidos em nome de uma moral que fantasia massacres como justos e necessários? Irromper contra o bem mais precioso que possuímos – a vida – de forma a assumir uma postura contrária à solidariedade, favorável à sua desintegração, reduzindo a meras estatísticas os números de vítimas de guerras, confrontos, atentados e outras formas de violência. É disso que se trata o pior: a insensibilidade diante da vida.

Ou seja, “nenhum tormento pode ser maior do que aquilo que um único ser humano pode sofrer” (Wittgenstein, 1944, como citado em Bauman, 2004, p. 73), assim, a apatia diante de atitudes nefastas à vida corrobora para uma degeneração da ética e da existência humana no planeta.

Perante isso, a que servem nossas ações, nossa moral, nossa ética? São guiadas por interesses? Por ego? Por poder? Por status? E para que serve a religião, em que cada um com sua ética quer transformá-la em verdade superior, diluindo o diálogo? Morin (2011, p. 24), pondera que “a era planetária aberta com os tempos modernos suscita [...] uma ética meta comunitária em favor de todo ser humano, seja qual for sua identidade étnica, nacional, religiosa, política”.

É nesse sentido que a complexidade, enquanto epistemologia, procura compreender a vida como uma tessitura, uma trama, como aquilo que é tecido junto, numa proposta de religar o que está fragmentado ou mutilado, não somente no que se refere aos conhecimentos científicos, mas no que tange à formação humana, à existência humana na terra num movimento de interdependência com a natureza. Da mesma forma, a transdisciplinaridade se expressa como uma forma de empreender um diálogo não somente com os conhecimentos científicos, mas com os demais conhecimentos, incluindo o senso comum.

Rumo a uma ética planetária: saber viver

Buscou-se em Morin (2011) fundamentos para compreender o sujeito e buscar um diálogo entre espiritualidade e liberdade em busca do bem viver, inspirado pela teoria da complexidade e pela transdisciplinaridade. Optou-se por discutir primeiramente sobre o sujeito de forma a apreender a dimensão do todo que o compõe: individual e coletivo.

Deste modo, para Morin (2011, p. 19), “ser sujeito é se autoafirmar situando-se no centro do seu mundo, o que é literalmente expresso pelo egocentrismo”. Essa concepção de sujeito comporta dois princípios: o de exclusão que envolve o egoísmo, mas que também garante a identidade singular do indivíduo; e o de inclusão, que compreende o altruísmo, e “inscreve o Eu na relação com o outro” (Morin, 2011, p. 20) ou o Nós (família, casal, comunidade, sociedade) e vice-versa.

Esses princípios convivem em nós de maneira dialógica, simultaneamente antagônica e complementar, uma vez que ser sujeito é “associar egoísmo e altruísmo” (Morin, 2011, p. 21). A sobreposição de um desses princípios rompe o diálogo e acarreta desequilíbrios que podem ser insustentáveis se não forem regenerados por meio

do reajuste entre os dois. Neste sentido, se houver um fechamento egocêntrico em que impera o egoísmo ou o princípio da exclusão, o outro será estranho e não fará sentido algum para o Eu, sendo que as consequências podem ser devastadoras como o aniquilamento do outro.

E se o contrário ocorre, há o risco de diluir o Eu na coletividade, perdendo a singularidade própria de cada indivíduo como ser único. Desta forma, o indivíduo deposita no outro, que pode ser biológico (filhos, pais) ou sociológico (pátria), a sua referência de identidade. O altruísmo é importante, desde que não anule a singularidade de cada pessoa.

Este movimento dialógico entre os contrários é o que ao mesmo tempo nos distancia e aproxima, é o que nos religa enquanto indivíduo-sujeito egocêntrico-altruísta, e é o sentimento de comunidade e de pertencimento que nos impulsiona à amizade e ao amor, sendo também fonte de responsabilidade e solidariedade que, em contrapartida, são raízes da ética (Morin, 2011). Assim, compreender a ética implica em reconhecê-la como “ato de religação com o outro, com a comunidade, com a sociedade e, no limite, religação com a espécie humana” (Morin, 2011, p. 29), ou seja, como uma ética da compreensão que se opõe ao que reduz e fragmenta e está a favor da vida.

Dialogar com a complexidade e a transdisciplinaridade é depreender que a ética não se reduz a valores escolhidos deliberadamente para servir a interesses. Estes não apontam garantias válidas a todos, apenas tentam preencher vazios oriundos da deterioração dos fundamentos da ética que advêm do enfraquecimento do sentido comunitário, do desenvolvimento excessivo do egocentrismo em detrimento do altruísmo, da primazia do indivíduo sobre a espécie, da supervalorização do dinheiro e do ter (Morin, 2011).

O hiperdesenvolvimento do individualismo leva a um sofrimento que decorre da ausência de fé, posto que em tempos prosaicos, Deus está ausente por ser a crença, a espiritualidade, a afetividade, o amor coisas supérfluas. São tempos em que a razão não vê necessidade em dialogar com os devaneios poéticos da emoção e da paixão.

Mas a arte de viver engloba o sentir-pensar em um movimento dialógico, integra a afetividade, a emoção, a razão e a espiritualidade. Esta, esquecida como algo desnecessário e questionável, na verdade é mal compreendida na medida em que o olhar

para esta dimensão da vida é superficial. Reconhecer a espiritualidade é perscrutar nosso interior como um espaço sagrado, entendendo-o como abrigo e fonte de vida. A espiritualidade é uma maneira de ser e, como diz Maria Cândida Moraes (2008, p. 200), “é uma atitude que coloca a vida no centro, que a defende, que a promove e a reverencia”.

Reverenciar a vida é alimentá-la e cultivá-la adotando uma postura aberta “a tudo que seja portador de vida” (Moraes, 2008, p. 200). Ainda de acordo com esta autora, dialogando com Nicolescu (1999) acerca do sagrado, uma vivência espiritual constitui “captar os significados das experiências que as coisas e os fatos nos proporcionam” que se encontram além das aparências e que “alimentam a interioridade de nosso espírito [...], captar a profundidade do mundo, de si mesmo e de cada ser que está ao nosso redor” (Moraes, 2008, p. 200).

Tudo isto está imbricado numa profunda experiência de religação com o sagrado que habita em cada um de nós, no outro e na natureza, o que implica reconhecer o “sentido da vida que perpassa todos os seres” (Moraes, 2008, p. 200). Esta compreensão é o que pode nos proporcionar a atitude de reverência à vida, porque, entendendo-nos enquanto templos do Sagrado, encontramos-nos intrínseca e dependentemente interligados. Portanto, é mister o papel de uma educação interessada em reintegrar o ser humano em sua multidimensionalidade, promovendo a paz, a amorosidade, o respeito, a confiança, a justiça, a solidariedade, a harmonia e o amor em sua mais profunda e sublime expressão.

Tudo isso se faz necessário para construir um mundo possível para o bem viver em que a vida prevaleça não somente na dimensão individual da sobrevivência, mas “pela vida do todo em que cada um assume sua parcela de responsabilidade” (Moraes, 2008, p. 191), pela vida no e do planeta. Isso implica na mudança da nossa relação com a natureza, compreendendo-a substancialmente como parte de nós e não externa a nós, provocando, então, uma falsa noção de autoridade e controle sobre a natureza, o que é mentir e subjugar a si mesmo.

Destarte, para entrar em diálogo com a liberdade e a espiritualidade, tendo em vista a dupla dimensão de sujeito egocêntrico-altruísta, é que se ousou com esse artigo, inspirado na teoria da complexidade e na transdisciplinaridade, trazer à tona uma

discussão voltada à vida da humanidade no planeta. Ainda, abordar como podemos começar uma mudança possível dentro de nós mesmos para, a partir de então, buscar empreender pequenas mudanças em cada pessoa que esteja próxima, de modo que, iluminadas pela amorosidade, sintam-se também tocadas a multiplicar o que de bom receberam, como um sorriso, um abraço, uma atitude inesperada (como ajudar a carregar sacolas só pelo prazer de ajudar), ou começar a tratar o lixo como nossa responsabilidade e, assim, pequenas ações se tornam grandiosas.

Um pequeno aporte sobre complexidade em sua relação imbricada com a espiritualidade e a educação

A complexidade pode nos auxiliar a repensar a educação com base nos princípios para um pensamento complexo, os quais nos “ajudam a pensar, a transversalizar o que acontece entre o mundo físico, biológico, social, e cultural e o próprio ser humano, facilitando, assim, a compreensão da complexidade inerente à realidade” (Moraes, 2015, p. 52). A seguir, destacamos três princípios que sintetizam uma proposta de um olhar complexo que contempla uma dimensão espiritual e que pode servilumbrada para a educação.

Desta forma, o princípio *sistêmico-organizacional*, que diz respeito à necessidade de não submeter o conhecimento do todo às partes e vice-versa, considerando que é impossível conhecer o todo sem conhecer as partes e que não se pode obter o conhecimento das partes sem considerar o todo (Morin, 2014), nos apresenta contribuições para a educação, principalmente no que tange aos processos de ensino e aprendizagem, ressaltando que o professor que só conhece sua disciplina, fechando-se em seus limites, carece de outros subsídios para compreender as necessidades dos alunos como aquelas relativas ao seu contexto, seus limites e potencialidades.

Só o conhecimento disciplinar não é suficiente, é necessário também ser transdisciplinar, integrando, conectando e transversalizando saberes não só de outras disciplinas, mas aqueles decorrentes da própria experiência, de modo a contextualizar e tornar mais significativos os processos educativos.

Destacamos mais um princípio, o *dialógico* que implica a associação de aspectos contraditórios presentes nos fenômenos que são complementares e indissociáveis. Esse princípio ligado à educação é, portanto, substancial, tendo em vista, que não é possível conceber os fenômenos educativos distantes do diálogo. Para que haja diálogo, é preciso romper com as relações de dominação e verticalidade nas quais não se sustentam condições de abertura e participação, colaborando para que haja subordinação, submissão e opressão.

O princípio da *reintrodução do sujeito cognoscente* recoloca o sujeito em seu lugar de autor e coautor da história na relação com os outros e seu meio, restaurando-o no processo de construção do conhecimento, entendendo que “todo conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por uma mente/cérebro, em uma cultura e época determinadas” (Morin, 2003, p. 96).

Tendo como base estes princípios, destacamos alguns problemas graves da atualidade, dentre os quais a “globalização competitiva decorrente de uma visão unilateral de desenvolvimento” (Moraes, 2015, p. 15), que nos fazem recorrer a um movimento de individualização, virtualizando a noção de que possuímos um destino comum no planeta, em que todos somos interdependentes. Essa reflexão nos faz perceber a necessidade de repensar nossas ações para uma vida que reconsidere a complexidade inerente à realidade e a espiritualidade como uma dimensão inextricável do ser humano.

Outro fator importante é o consumismo exagerado que molda as vontades insatisfeitas e torna as relações humanas debilitadas e fluidas, fazendo com que as razões de ser se encontrem monopolizadas por uma noção de bem-estar reduzida ao conforto e aos bens materiais que se podem adquirir, o que denota o aumento das desigualdades sociais, do egocentrismo, da violência e da dificuldade de propiciar um diálogo entre os diferentes.

E defronte uma tragédia cada vez mais expressiva e premente da espécie humana, depreende-se que o esgotamento dos recursos naturais, as poluições do ar, terra e água, sem que se formulem e pratiquem alternativas sustentáveis compatíveis com nossas necessidades atuais, pode nos levar, de modo abrupto, a uma degeneração da

vida, a não ser que se adote uma postura de respeito à natureza de que tanto dependemos para existir e da qual somos constituídos.

Moraes (2015, p. 15) ainda ressalta a “existência de uma civilização mundial insensível ao problema da fome e das guerras”, decorrente da naturalização da violência, inclusive sob alusão ao ponto de vista evolucionista o qual empreende uma crença no caráter competitivo da natureza. Esta se delineia nas relações sociais humanas ao nos permitir acostumar às guerras, à violência e aos números para os mortos⁷, agredidos, humilhados, depreciados e marginalizados como pessoas humanas, num jogo cruel que mostra a “face destruidora da corrupção dos bons costumes e a falta de ética” (Moraes, 2015, p. 15).

A educação não pode se pautar na valorização dos conteúdos para provas e exames, tampouco ser reduzida aos interesses do mercado de trabalho, se distanciando de tudo o que somos: seres humanos dotados de razão, emoção, amor, ludicidade, espiritualidade, observando que estamos incluídos em contextos históricos, econômicos, políticos, culturais e sociais diversos. Por isso, é preciso desenvolver a capacidade de olhar para o outro com acolhimento em vez de julgamento, assim como é necessária a coragem de se desarmar para dialogar e compreender de forma ética que somos parte de um todo, mas não nos reduzimos a ele, ou seja, que todos somos (co)responsáveis pela vida no e do planeta.

Esta vida preciosa só pode ser preservada quando começarmos a compreender que o que acontece com o outro e com o meio importa a todos, e que as diferenças servem para somar e não para excluir. E desta forma, os princípios da complexidade que foram apresentados, *sistêmico-organizacional*, *dialógico* e *reintrodução do sujeito cognoscente*, nos ajudam a iniciar um processo de tessitura complexa que inclui a espiritualidade e que compreende que o processo educativo contém uma diversidade de dimensões humanas que devem ser consideradas e religadas de modo que não sejam estabelecidos reducionismos.

Considerações finais

⁷ Em referência à crônica de Marina Colassanti: Eu sei, mas não devia. Ver Colassanti, Marina. (2009). Eu sei, mas não devia. *O pequeno livro das grandes emoções*. Brasília: UNESCO.

Ao empreendermos uma discussão inicial acerca da liberdade, relembrando o exemplo dado por Montaigne ao dizer o porquê de amar seu amigo La Boétie “porque era ele, porque era eu”, notamos que essa expressão de liberdade considera a singularidade dos sujeitos envolvidos sem submeter nenhum dos dois, ou seja, demonstra um equilíbrio dialógico entre egocentrismo e altruísmo.

Tagore, como citado por Morin (2011, p. 37), diz que “o amor verdadeiro exclui a tirania, assim como a hierarquia” porque é uma expressão superior da religião humana, sendo uma fonte de “resistência a todas as crueldades do mundo” (Morin, 2011, p. 37). Isso quer dizer que o amor nos conecta. Todavia, é necessário manter uma postura dialógica entre amor e razão para que aquele não se degenere, transformando-se em seu contrário, já que o amor, permeado pelo egocentrismo, pode se tornar possessivo e intolerante, assim como submisso a ponto de anular sua identidade em razão do outro, conforme discutiram Morin (2011) e Bauman (2004).

Por isso é importante a dialógica razão-paixão para que os dois se autorregenerem e não se permitam degenerar. A razão é importante para dar lucidez aos sentimentos, para que não nos afundemos neles e a paixão é necessária para humanizar a razão. Isto denota nossa natureza humana complexa do sentir-pensar em um circuito que se retroalimenta.

Ao discutirmos sobre espiritualidade, percebemos que engloba tanto as discussões sobre liberdade, ética, subjetividade, mas principalmente, amor à vida. Não somente no sentido egocêntrico, preocupado apenas consigo e sua sobrevivência, mas com o outro, com a manutenção da vida no e do planeta, envolvendo uma relação íntima com a natureza como um lugar sagrado que permite a supremacia da vida, onde cada ser vivo é donatário de uma parte sagrada de vida e que a mantém como um ciclo autopoietico, isto é, autoprodutora de organização em si e daquilo que a produz (Moraes, 2008).

Essa dinâmica recursiva (Morin, 2015) nos revela também que, além de sermos dependentes e parte da natureza, nossa fragilidade decorre justamente da nossa posição de dominação sobre o que não se pode controlar.

Ter consciência de que fazemos parte de um ciclo de vida e morte nos lembra que devemos lutar para que o quanto pudermos viver que seja da melhor forma possível,

que possamos, com a noção da nossa tragédia, compreender que somos frágeis e finitos, mas que podemos empreender esforços para que a vida seja inundada de dignidade e, como dizia o poeta Vinícius de Moraes (1946), “infinita enquanto dure”.

Referências

- Bauman, Z.(2001). *Modernidade líquida*.Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z.(2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Boétie, E. L. (2006). *Discurso sobre a servidão voluntária*. Brasil: L. C. C. Publicações eletrônicas.
- Braga, A. M. S., Genro, M. E. & Leite, D. (1997). *Universidade futurante: inovações entre as certezas do passado e incertezas do futuro*. In: Leite, D. & Morosini, M. (Orgs.).*Universidade futurante* (pp.21-37). Campinas: Papirus.
- Locke, J. (2006).*Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos:ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil*(4ª ed). Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco/Petrópolis: Vozes.
- Moraes, M. C. (1997). *O paradigma educacional emergente*. São Paulo: Coleção Praxis.
- Moraes, M. C. (2008). *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais*. São Paulo: Antakarana/Willis Harman House.
- Moraes, M. C. (2015).*Transdisciplinaridade, criatividade e educação:fundamentos ontológicos e epistemológicos*. Campinas: Papirus.
- Moraes, V. (1946). *Poemas, sonetos e baladas*. São Paulo: Edições Gaveta.
- Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (8ª ed). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. (3a ed). Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2011). *O método 6:ética* (4a ed). Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2014). *Ciência com consciência* (16ª ed). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2015). *Conhecer!* In: Morin, E. *Ensinar a Viver: Um manifesto para mudar a educação*(pp. 98-138). Porto Alegre: Sulina, 2015.
- Nicolescu, B. (1999). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom.
- Nicolescu, B. Como podemos entrar em diálogo?Metodologia transdisciplinar do diálogo entre pessoas, culturas e espiritualidades. *Inter-Legere – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN*, Natal, n.16, 31-46,

jan./jun. 2015. Recuperado de
<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/8966>.

Suanno, M. V. R. S. (2015). *Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade* (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Católica de Brasília, Brasília, Brasil.

Velasco, J. M. Get al. (2017). *Ciudadanía Planetari* (1ª ed). Bolívia: Imprensa PRISA.

Recebido: 27/11/2019

Aceito: 05/04/2020

Publicado: 30/09/2021

NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.